

Dores do Parto

Um ano de estabilidade econômica sob o Real foi suficiente para os brasileiros perceberem que estão vivendo em um novo país. Ainda não é o Brasil ideal — uma nação economicamente forte, moderna e aberta, com geração de empregos, justa distribuição de renda e a resolução dos graves problemas sociais —, mas já é um país bem melhor do que antes.

Os brasileiros que duvidaram da capacidade do Plano Real para controlar a inflação e estabilizar a economia, e deixaram à mostra seu comportamento perdulário, estão, certamente, arrependidos de terem feito compras apressadas. Quem comprou automóvel nacional ou importado com ágio verifica hoje que teria cuidado melhor do próprio bolso se tivesse controlado o seu apetite consumista.

À medida que o tempo passa, o consumidor brasileiro vai percebendo que a estabilização, auxiliada pela abertura da economia e a proibição da indexação automática de preços e salários pela inflação passada, mudou radicalmente a sua vida. Já não há mais a angustiante ginástica financeira para proteger o salário da corrosão inflacionária.

Com a inflação caindo de 50% para 2,5% ao mês, praticamente cessou a corrida entre preços e salários, que deixava para trás o trabalhador. Assim como não é necessário aplicar todo o salário nos supermercados, para evitar que a alta diária de preços fizesse sobrar mês no fim do salário, também se tornou menos premente, pelo menos psicologicamente, fazer ginástica financeira para salvar o dinheiro da inflação.

O novo comportamento dos consumidores e dos investidores, como seria natural, teria de produzir modificações nas empresas. Sobre tudo diante da quebra das reservas de mercado e a redução das tarifas de

importação, que expuseram a indústria à concorrência estrangeira.

Os manuais de gerência empresarial que eram válidos numa economia fechada e autárquica, dominada por cartéis, oligopólios e monopólios, tornaram-se vazios diante da enorme transformação do mercado. A estabilização recuperou poder de compra de uma fatia enorme da população.

O fato, somado à criação do Mercosul e à crescente internacionalização da economia brasileira, ampliou consideravelmente a escala dos negócios no Brasil. Já não se pode viver de ganhar mais vendendo menos. As altas margens de lucros que eram praticadas na economia brasileira, afastando o consumidor e concentrando a renda de forma deletéria, estão sendo cortadas sistematicamente pela concorrência externa.

Há, contudo, empresários que ainda não se deram conta de que a abertura econômica não comporta privilégios corporativos e protecionistas, nem permite grandes tacadas. A tendência à presença cada vez menor do Estado na vida brasileira levará os negócios a um cenário de maior transparência e concorrência de preço e qualidade.

O mercado de câmbio, que durante anos se alimentou dos recursos provenientes da ilegalidade e do artifício, é um dos segmentos da vida empresarial e financeira que vem funcionando como caixa de ressonância das transformações promovidas pelo Real. A estabilização deverá empurrar a economia ilegal, ou informal, para a legalidade. Nos países de economia estabilizada, o mercado de câmbio paralelo é apenas uma atividade ilegal que encobre outras ilegalidades. Por isso, é combatido, como deve ser feito no Brasil.